

Recebido em ago. 2006

Aprovado em mar. 2007

NIETZSCHE, É UM METAFÍSICO?

IVANALDO SANTOS *

RESUMO

O presente artigo levanta uma possibilidade bastante complexa, ou seja, a de Nietzsche ser um metafísico. O referencial teórico é o livro *Além do Bem e do Mal* de Nietzsche e os comentários de Bulhões, Erickson e Machado sobre o mesmo. Faz-se um apanhado da crítica de Nietzsche à tradição metafísica ocidental mostrando que considera esta tradição errada ou equivocada, pois trabalha com a dualidade de mundos e a sua proposta de superação dos valores relacionados com essa tradição. É indagado se inverter os valores não significa acabar com a metafísica, mas sim inaugurar uma nova fase em seu trajeto.

PALAVRAS-CHAVE

Nietzsche. Metafísica. Valores.

ABSTRACT

The present work proposes a complex possibility, namely, Nietzsche being a metaphysical philosopher. We base our supposition in Nietzsche's work, *Beyond Good and Evil* and Bulhões, Erickson and Machado's discussions of him, as well as in Nietzsche's criticism of the metaphysical tradition itself. His position might be wrong, because he considers this tradition wrong or misguided because he takes into account the duality of worlds. Thus, we also review his proposal of transcending values related to this tradition. We question if seeking to revert values means actually to end with metaphysics, but rather it inaugurates a new phase in its trajectory.

KEY WORDS

Nietzsche. Metaphysics. Values.

* Professor do departamento de Filosofia da UERN, doutor em Letras. Trabalha principalmente com filosofia contemporânea e atualmente procura desenvolver pesquisas relacionando a linguagem, a mídia e o pensamento crítico contemporâneo.

1.0 INTRODUÇÃO

O presente artigo levanta uma possibilidade bastante complexa que fica patente no título: Nietzsche, é um metafísico? Com certeza tal pergunta será respondida prontamente com um sonoro NÃO pelos nietzschianos diante dos argumentos que nele estão contidos. Entretanto, a pergunta é pertinente e digna de um bom debate.

O referencial teórico que foi aplicado é o livro *Além do Bem e do Mal* de Nietzsche e os comentários de Bulhões (1996) e (1998), Erickson (1999) e Machado (1997) sobre o mesmo. Faz-se um apanhado da crítica de Nietzsche à tradição metafísica ocidental mostrando que considera esta tradição errada ou equivocada, pois trabalha com a dualidade de mundos, como: verdade X mentira e corpo X alma. Sendo que, para Nietzsche, tal dualidade não existe de fato. Existindo apenas as paixões vitais. Ele vê na moral judaico-cristã a causa dos erros metafísicos e da constituição dos assim chamados rebanhos.

No entanto, ele aponta a inversão de valores como a solução dos problemas e angustias do homem ocidental. Ao invés de se discutir o real, o justo e o verdadeiro; o homem deve discutir seus opostos: a aparência, o egoísmo e o engano. Daí advêm a seguinte inquietação: inverter os valores não significa acabar com a metafísica, mas sim inaugurar uma nova fase em seu trajeto. Deixar de perguntar: O que é a realidade? ou, O que é a justiça? E passar a perguntar: O que é o egoísmo? ou, O que é o engano? Não é exatamente por um fim a metafísica, mas construir uma nova forma de fazer metafísica.

2.0 O modo de pensar metafísico

Atualmente, é lugar comum o conhecimento da crítica que Nietzsche faz à metafísica, pois a idéia de que o pensamento filosófico é metafísico justamente porque é integrado, basicamente, pela oposição de valores, tais como: bem X mal, mundo sensível X mundo inteligível, realidade X aparência e tantas outras; ganhou adeptos tanto dentro como também fora da academia.

Se a filosofia é metafísica, logo é preciso saber como é para Nietzsche o modo de pensar metafísico. Sobre esta questão, Bulhões (1996, p. 103) afirma:

Para Nietzsche a ‘vontade de verdade’ é indissociável da crença na verdade. O filósofo crê que a verdade existe em si mesma, crê em seu caráter absoluto, por isso move-se em sua direção, sendo que neste seu caminho, o falso, o erro, o engano, devem ser afastados. Esta forma de pensar, que acredita na existência de uma verdade em si, é denominada por Nietzsche como modo de pensar metafísico.

Deve-se observar que, para Nietzsche, o problema da verdade é justamente um problema de crença, isto é, “o Homem olha para o mundo a sua volta e não acredita que os objetos que são captados pelos sentidos são realmente do modo como se apresentam e a partir deste momento ele passa a crer que há um mundo além dos sentidos o mundo real ou verdadeiro, o paraíso como os cristãos chamam” (MACHADO, 1997, p. 12). A partir desse ponto, o homem cria aquilo que Nietzsche (1992, p. 18) denomina o preconceito do filósofo, pois “não pode ser sua mãe esse mundo efêmero, falaz, ilusório e

miserável, esta emaranhada cadeia de ilusões e frustrações”.

Logo, a partir de Nietzsche, ver-se a existência de dois mundos ou duas realidades distintas. Sobre este assunto, Bulhões (1996, p. 104), comentando Nietzsche, afirma:

Dois mundos que se excluem mutuamente; de um lado, o mundo sensível, fugaz, efêmero, transitório, passageiro, onde a realidade escapa como se fosse água nos dedos, esse é o mundo que nos engana, pois sempre nos mostra mudanças e diferenças; do outro lado, o mundo que só pode ser compreendido pelo intelecto, mundo estável, perene, idêntico, onde a realidade se mantém a mesma, por isso pode dar garantias, sustentar certezas e verdades.

É contra a existência desses dois mundos que Nietzsche se insurge, pois, para ele, o assim chamado mundo perene e estável, o mundo das idéias verdadeiras ou o mundo dos arquétipos, para usar uma expressão platônica, não passa de aparência, isto é, uma criação feita pelo ser humano ao longo do processo de construção e desenvolvimento da civilização ocidental.

3.0 Nietzsche e a crítica a moral do rebanho

Afirmar que o centro ou núcleo da filosofia é a metafísica a maioria dos assim chamados “filósofos” com certeza concordam (não é intenção desse ensaio discutir o conceito de “filósofo”). Também concordarão de que a metafísica tem como objetivo responder perguntas, tais como: O que é a realidade? O que é a verdade? O que é a substância? Talvez eles não fiquem muito satisfeitos ao se afirmar que o projeto metafísico é um projeto de crença e nada mais.

Todavia, o próprio Nietzsche fica numa situação difícil, pois afirma que a metafísica é crença e que o seu objeto de estudo não existe em hipótese alguma. A partir da afirmação de que o objeto de estudo da metafísica não existe em hipótese alguma, pergunta-se: Afirmar que a metafísica é crença não é estabelecer uma nova forma de fazer metafísica? Estabelecer uma nova crença? A crença de que a metafísica é crença?

É preciso refletir. Nietzsche afirma que a dualidade verdade X falsidade, real X sensível, corpo X alma, devir X ser e outros; não existe, pois é um produto da racionalidade na ânsia de saciar a sua própria crença na assim chamada “verdade”, porém ele cria uma outra dualidade: verdade X não-verdade, real X não-real, alma X não-alma devir X não-devir e assim por diante. Desta forma, a metafísica tradicional, aquela que busca “o essencial [...] o refinado, o louco e o divino” (NIETZSCHE, 1992, p. 111) realmente está morta, mas surge um outro tipo de metafísica. Essa nova metafísica é justamente a metafísica do não-essencial, do não-refinado, do não-louco, e, por fim, do não-divino. Sendo assim, em Nietzsche tem-se que a metafísica já

não é mais a tentativa de compreender a realidade na sua essência e formular um conceito para a mesma, mas um discurso sobre o que não é metafísico, ou seja, um discurso cujo objetivo é mostrar que todas as formulações da tradição filosófica estão erradas ou equivocadas.

Logicamente que os nietzschianos não aceitaram tal tese sobre o homem (Nietzsche) que é considerado o maior anti-metafísico da história da filosofia. Com relação a esta tese, os nietzschianos usarão adjetivos, como: sem lógica, sem sentido, descabido e outros do gênero. Entretanto, o próprio Nietzsche (1992, p. 18) levanta esta possibilidade, quando afirma:

Qualquer que seja o valor que concedamos ao verdadeiro, à veracidade, ao desinteresse, poderia acontecer que nos víssemos obrigados a atribuir à aparência, à vontade de ilusão, ao egoísmo e à cobiça, um valor superior e mais essencial à vida; poder-se-ia chegar a supor inclusive que as coisas boas têm um valor pela forma insidiosa em que então emaranhadas e talvez até cheguem a ser idênticas em essência às coisas más que parecem seus contrários. Talvez ... mas, há quem se preocupe com esses perigosos 'talvez'?

Nietzsche coloca, por exemplo, no lugar da busca da verdade, da essência da realidade ou do primeiro motor; tudo o que o Ocidente considera sem valor ou de valor inferior, isto é, a aparência (ele considera aparência todas as coisas feitas pelo homem em contraposição ao conceito clássico de aparência o qual afirma ser uma ilusão ou engano com relação a um objeto ou teoria), à vontade de ilusão, o egoísmo e a cobiça. Dessa forma, em Nietzsche, a metafísica já não buscará o primeiro motor

ou a verdade, mas irá discutir o conceito de aparência, o qual é tudo o que é feito pelo homem na concepção nietzschiana, de ilusão, de egoísmo ou cobiça; enfim irá discutir, daqui por diante, todas as categorias que o Ocidente renegou a um segundo plano usando o nome de pecado, erro, contra-senso e outros.

Outra questão a ser discutida é justamente a dura crítica que Nietzsche faz a moral ocidental, pois, para ele, muito ou quase tudo que a metafísica produziu foi iluminado pela “moral dominante, [...], a moral judaico-cristã” (NIETZSCHE, 1992, p. 108). Para Nietzsche o Mundo, a realidade, tem como sua verdadeira essência à vontade, o desejo, de dominar a assim denominada vontade de potência ou vontade de poder. No entanto, os dominadores não dizem a verdade, isto é, que seu único objetivo é dominar, porque do contrário estariam abrindo caminho para serem retirados, pelos dominados, da função de mando, de dominação.

Para Nietzsche o homem esta irremediavelmente preso aos seus instintos ou impulsos vitais, entretanto os dominadores não aceitam estes instintos vitais. Não aceitam os instintos, porque estes não são muito racionais e lógicos. Pelo contrário, são justamente irracionais e anti-lógicos. Daí eles criarem as morais que “nada mais são do que a linguagem figurada das paixões” (NIETZSCHE, 1992, p. 109).

Na perspectiva de Nietzsche, conclui-se que a moral é uma tirania contra a natureza e que se existe algum mérito na moral é exatamente o de exercer sobre o indivíduo um lento, longo e gradual processo de coerção. Este processo de coerção é feito de duas

maneiras. A primeira maneira é negativa. Fala-se do inferno e nos tormentos que lá existe, critica-se o egoísmo e o engano afirmando que são “princípios pecaminosos” que não pertencem a natureza humana. A segunda maneira é positiva, pois se fala no paraíso, na salvação da alma e nos princípios “inerentes a natureza humana”, como: a solidariedade, a mansidão, o desejo de sempre obedecer às leis e as autoridades e outros.

A partir de Nietzsche pergunta-se: Então, como a moral pode ser instrumento de dominação por tanto tempo se seus princípios são artificiais? Dentro da argumentação de Nietzsche (1992, p. 112), a resposta desta pergunta é que a moral é uma forma pedagógica a qual “ensina que a ignorância é uma condição necessária da vida e de seu desenvolvimento”. Portanto, a moral, como escola pedagógica, é uma máscara que venda os olhos do ser humano e também os instintos vitais, com o objetivo de prende-lo a conceitos e preceitos, ou melhor, a preconceitos criados através da razão por um grupo de reprimidos e de repressores. Nietzsche identifica este grupo de reprimidos e de repressores como sendo os profetas, os líderes religiosos, os governantes, os criadores de escolas filosóficas (Platão, Aristóteles, Kant etc), os magistrados, os sindicalistas e outros.

Partindo deste pressuposto, de que a moral é uma máscara que cega o ser humano, Nietzsche nega qualquer conceito ou categoria referente à caridade ou a benevolência, pois para ele são frutos de uma “inversão de valores” (NIETZSCHE, 1992, p. 118) ou insurreição dos escravos onde, por exemplo, a palavra “pobre” é sinônimo de “santo” e “amigo”. Note-se que na visão de

Nietzsche “santo” e “amigo”, categorias muito caras à consciência do homem ocidental, não passam de aparências, isto é, são as verdadeiras aparências, pois “santo” e “amigo” são nomes diferentes dados a palavra “medo”. O medo é a forma singular e original que os dominadores usam para passar suas idéias, ou melhor, suas ilusões para a população. Deste modo, em Nietzsche, ver-se com clareza que a essência da moral é justamente o medo. Do ponto de vista gráfico, tem-se:

$$A = B$$

Onde: $A = \text{Moral}$ $B = \text{Medo}$

Para Nietzsche, no Ocidente, o medo fez os homens se juntarem em grupos para poderem compartilhar seus temores infundados, do inferno, por exemplo, e buscarem a solução de problemas irreais como, por exemplo, o conceito de justiça. Ele classifica esses agrupamentos humanos de rebanhos e, por sua vez, identifica-os geograficamente afirmando “que a moral na *Europa* [itálico no original] é atualmente uma moral de rebanho” (NIETZSCHE, 1992, p. 124). Para Nietzsche(1992, p. 120):

A existência de rebanhos humanos é imoral (confrarias sexuais, comunidades, tribos, nações, igrejas e Estados) e sempre houve um grande número de homens que obedecem a um pequeno número de chefes. A obediência foi o que mais se exercitou e cultivou entre os homens.

Nietzsche critica toda e qualquer forma de organização comunitária defendendo, com tal princípio,

uma individualidade absolutamente radical. E também ironiza com o homem padrão ou cidadão comum e honesto, observador das leis que paga os impostos fielmente, pois para Nietzsche (1992, p. 120) “o homem do rebanho mostra-se como única espécie autorizada, glorificando suas qualidades, graças às quais é domesticado, tratável e útil ao rebanho”.

O homem que vive no rebanho acredita na existência do progresso e de todas as variações que o mesmo pode ter, como, por exemplo, a construção de uma sociedade justa e igualitária. Na verdade, para Nietzsche, o verdadeiro sentido da palavra “progresso” está intimamente ligado ao medo que vive o homem no ocidente, pois “progresso” é o medo, que o homem que vive no rebanho possui, de um dia não haver mais nada o que se temer. Nietzsche (cf. 1992, p. 120) constrói uma possibilidade: Se, por exemplo, um dia o inferno deixar de existir. Justamente o inferno, o lugar de eterno tormento que o homem ocidental tanto teme. Então, o que se fazer neste dia? Como o homem ocidental viverá se tal situação virar realidade? O homem ocidental abandonará o medo (de Deus, da morte, do engano etc) e irá assumir a liberdade, como sendo o grande objetivo da sua vida? És as indagações de Nietzsche.

A antítese que Nietzsche (cf. 1992, p. 120) propõe para a moral do rebanho é a individualidade na sua forma mais radical e dá como exemplo figuras do porte de Alcibiades, César, Frederico II e Leonardo da Vinci; os quais ignoraram totalmente os preceitos e preconceitos da assim chamada sociedade esclarecida ou desenvolvida para viverem, através dos instintos vitais, suas paixões

mais intensas e profundamente humanas.

4.0 Nietzsche e a formação de um novo rebanho

Há nisto tudo um problema que os pensadores e os nietzschianos não perceberam. Do ponto de vista didático, dividir-se-á tal problema em duas partes. A primeira é denominada de problema indireto, pois não tem a participação direta de Nietzsche. É justamente a constituição, na sociedade contemporânea, dos rebanhos nietzschianos, pois ficou muito bem claro que Nietzsche considera imoral toda forma de organização comunitária. Mas, como são os rebanhos nietzschianos? Estes rebanhos são de duas formas:

a) Os nietzschianos cultos e acadêmicos: Estes são, por exemplo, os professores universitários com suas teses de doutorado sobre a relevância de Nietzsche para a sociedade contemporânea, os formadores de opinião, os escritores, políticos de todos os partidos, jornalistas; enfim os intelectuais de todos os tipos e todas as tendências que fazem das ideias de Nietzsche uma nova “mensagem” a ser proclamada entre os pobres e de seus livros, como, por exemplo, *Além do Bem e do Mal*, um novo livro sagrado a ser lido pêlos adeptos do assim chamado “nietzschianismo”. Para Erickson (cf. 1999, p. 65), em Nietzsche há uma profecia que se confunde com a arte, especialmente a poesia. A partir de Erickson, afirma-se que Nietzsche critica a moral judaico-cristã e os valores religiosos, mas, inconscientemente, terminou sendo o profeta de uma nova religião, ou seja, o profeta da transvalorização ou superação dos valores, da mudança ou abandono dos valores judaico-cristãos pêlos valores

ocidentais contemporâneos, tais como: a morte de Deus, a negação da verdade e da solidariedade, a quebra da exigência da virgindade para as mulheres, o uso de drogas lícitas e ilícitas, a rebeldia da juventude e outros.

b) Os nietzschianos plebeus: Estes são músicos de todos os tipos e ritmos, líderes comunitários, ativistas políticos, pacifistas, jovens rebeldes; enfim pessoas comuns, membros do povo em sua singularidade. Pessoas que vêm no chamado “nietzschianismo” uma nova forma para resolver ou contornar seus problemas e angustias. Os nietzschianos plebeus não possuem uma compreensão histórica e filosófica da obra de Nietzsche, apenas cultuam sua imagem como do profeta da transvalorização ou superação dos valores.

A segunda parte é o problema direto, pois Nietzsche (1992, p. 121) critica o rebanho, ou seja, qualquer tipo de organização comunitária seja “dos antepassados, da constituição, do direito, das leis e inclusive de Deus”. No entanto, ele, inconscientemente, cria um novo rebanho. Este novo rebanho é o rebanho dos homens que vivem a individualidade na sua forma mais radical. Este rebanho é composto por homens como Frederico II e Leonardo da Vinci, que não viveram juntos geograficamente ou na mesma época, mas viveram unidos, como os rebanhos que Nietzsche tanto critica, justamente na negação do medo e na afirmação das paixões humanas. E o rebanho dos homens sem medo e daqueles que não precisam de Deus, não temem o inferno nem buscam a verdade.

5.0 A proposta metafísica de Nietzsche

Neste ponto, a tese apresentada é a proposta metafísica de Nietzsche. Esta proposta é que o novo homem, aquele que rompeu com todas as formas tradicionais de organização determinadas pela moral judaico-cristã, vivendo, sem medo, em um novo rebanho (o rebanho dos homens que optam pela individualidade na sua forma mais radical) passará a discutir novos conceitos, tais como: a aparência, a vontade de ilusão (a qual irá substituir a vontade de verdade), o egoísmo e a cobiça.

As perguntas clássicas feitas pela metafísica nos últimos vinte e cinco séculos, como: O que é a justiça? Qual é a essência da realidade? Quais são as regras básicas do pensamento para se alcançar a verdade? Serão substituídas por novas perguntas, como estas: O que é o egoísmo? O que é a cobiça? O que é o engano? Essas novas perguntas, e, por conseguinte, uma nova metafísica, serão aquilo que o próprio Nietzsche (1992, p. 124) classifica como a “nova verdade”. Para ele (1992, p. 126), esta nova verdade é a verdade que brotará quando os “espíritos livres”, ou seja, as pessoas que não estão presas às regras sociais e vivem a mais radical experiência de individualismo, triunfarem sobre os espíritos do medo e da decadência os quais dominam o Ocidente nos dias atuais.

É claro que os nietzschianos jamais aceitaram a idéia de que o mestre anti-metafísico seja um metafísico, mas vale salientar que a própria palavra “nietzschiano” designa uma comunidade que vive em tomo de um

conjunto de idéias ou do próprio pensador, neste caso Nietzsche. A idéia de “comunidade” é justamente o que Nietzsche não aceita no mundo ocidental. Ele critica as comunidades classificadas como “padrão” ou “oficiais”, como: as escolas, as universidades, as igrejas, os laboratórios científicos, os clubes de poesia e literatura, os jornais e outras da mesma espécie; entretanto ele não critica os nietzschianos, até porque morreu antes que suas idéias ganhassem o status de “universais” (a idéia de “universal” é outra categoria metafísica que Nietzsche não aceita) e fosse reconhecido como profeta, guia ou orientador de uma legião de fãs tanto no mundo acadêmico como fora dele. Neste caso, não seria os nietzschianos a nova verdade, defendida por Nietzsche? Os nietzschianos não são os propagadores da nova metafísica?

Esses novos homens, os nietzschianos, vivendo em um novo rebanho, irão ou estão construindo a nova metafísica. Precisamente, a metafísica da aparência, do egoísmo, da cobiça e do engano. Entretanto, todas essas indagações são passíveis de objeções e refutações por parte tanto dos nietzschianos como também de outras escolas e grupos filosóficos. Entretanto, a pergunta fica no ar: Nietzsche, é um metafísico?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BULHÕES, Fernanda Machado de. “A caminho de uma filosofia extra-moral”. *Princípios*. III, 4 (1996): pp. 103-109.

_____. “Nossas verdades, nossas criações”. *Princípios*. V, 6 (1998).-pp. 89-93.

ERICKSON, Glenn W. “Filosofia, profecia e poesia: contra Nietzsche”. *Princípios*, v. 6, n. 7, jan/dez (1999):pp. 59-74.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NIETZSCHE, Fridrich. *Além do bem e do mal*. Tradução Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.